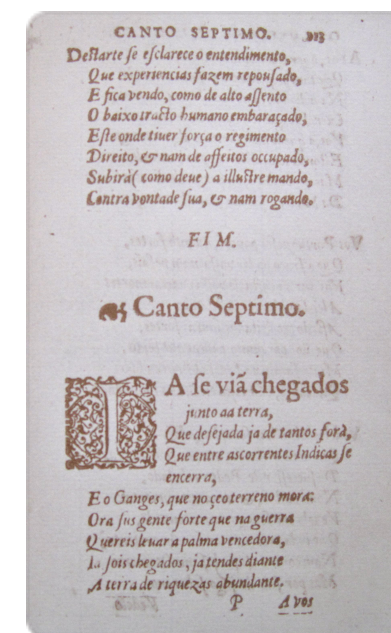




OS LUSÍADAS

Canto Sétimo



Canto Sétimo



1

Canto VII

**Já se viam chegados junto à terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Índicas se encerra,
E o Ganges, que no Céu terreno mora;
Ora sus gente forte que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.**



2

Canto VII

**A vós, ó geração de Luso digo,
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo ainda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o céu rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediência
Da Madre, que nos céus está em essência.**



3

Canto VII

**Vós Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vós que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais;
Assim do céu deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na santa Cristandade;
Que tanto, ó Cristo exaltas a humildade.**



4

Canto VII

**Vêde-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor, e nova seita inventa;
Vêde-lo em feias guerras ocupado,
Que ainda com o cego error se não contenta,
Não contra o superbíssimo Otomano;
Mas por sair do jugo soberano.**



5

Canto VII

**Vêde-lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia,
(Quem viu honra tão longe da verdade)
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade,
Para os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.**



6

Canto VII

**Guarda-lhe por entanto um falso Rei,
A cidade Hierosólíma terrestre,
Enquanto ele não guarda a santa lei,
Da cidade Hierosólíma celeste;
Pois de ti Galo indigno que direi?
Que o nome Cristianíssimo quiseste,
Não para defendê-lo, nem guardá-lo,
Mas para ser contra ele, e derrubá-lo.**



7

Canto VII

**Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto
E não contra o Cinífio e Nilo rios
Inimigos do antigo nome santo,
Ali se hão-de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto,
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?**



8

Canto VII

**Pois que direi daqueles que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos de seu valor antigo;
Nascem da tirania inimicícias,
Que o povo forte tem de si inimigo,
Contigo Itália falo, já submersa
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.**



9

Canto VII

**Ó míseros Cristãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuída de cães, que sempre unidos
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?**



10

Canto VII

**Vedes que têm por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto,
Contra os povos, que são de Cristo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizânias repugnantes,
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles e vós, sois vossos inimigos.**



11

Canto VII

**Se cobiça de grandes senhórios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermorios,
Ambos volvem auríferas areias,
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios,
África esconde em si luzentes veias,
Mova-vos já sequer riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a casa Santa.**



12

Canto VII

**Aquelas invenções feras e novas,
De instrumentos mortais da artilharia,
Já devem de fazer as duras provas,
Nos muros de Bizâncio, e de Turquia;
Fazei que torne lá às silvestres covas,
Dos Cáspios montes, e da Cítia fria,
A Turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.**



13

Canto VII

**Gregos, Traces, Arménios, Georgianos
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do alcorão (duro tributo)
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriái de peito forte, e astuto,
E não queirais louvores arrogantes,
De serdes contra os vossos mui possantes.**



14

Canto VII

**Mas entanto que cegos, o sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana
De África tem marítimos assentos,
É na Ásia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera lá chegara.**



15

Canto VII

**E vejamos entanto que acontece
Àqueles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Depois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vêm semear de Cristo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.**



16

Canto VII

**Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu onde eram moradores;
Para lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía.**



17

Canto VII

**Além do Indo jaz, e aquém do Gange,
Um terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emódio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Maoma, alguns os Ídolos adoram,
Alguns os animais, que entre eles moram.**



18

Canto VII

**Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vêm manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo o Quersoneso.**



19

Canto VII

**Entro um e outro rio, em grande espaço
Sai da larga terra uma longa ponta
Quase piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão ínsula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta;
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro se mantêm das finas flores.**



20

Canto VII

**Mas agora de nomes, e de usança,
Novos e vários são os habitantes;
Os Delys, os Patanes, que em possança
De terra, e gente, são mais abundantes;
Decanis, Oriás, que a esperança
Têm de sua salvação nas ressonantes
Águas do Gange, e a terra de Bengala
Fértil de sorte que outra não lhe iguala.**



21

Canto VII

**O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foi de Poro Rei potente)
O Reino de Narsinga poderoso,
Mais de ouro e pedras, que de forte gente;
Aqui se enxerga lá do mar undoso,
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.**



22

Canto VII

**Da terra os naturais lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende uma fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade;
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade,
De cabeça de Império rica, e bela,
Samorim se intitula o senhor dela.**



23

Canto VII

**Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Português mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte;
Entrando o mensageiro pelo Rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte
A cor, o gesto estranho, o traje novo
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.**



24

Canto VII

**Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
Lá onde fora Anteu obedecido;
Ou pela vizinhança já teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.**



25

Canto VII

**Em vendo o mensageiro com jucundo
Rosto, como quem sabe a língua Hispana
Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua pátria Lusitana?
Abrindo lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se acrescente.**



26

Canto VII

**Espantado ficou da grão viagem,
O mouro que Monçaide se chamava,
Ouvindo as opressões que, na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava,
Mas vendo enfim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.**



27

Canto VII

**E que entanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E depois que se um pouco recreasse,
Com ele para a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha.**



28

Canto VII

**O Português aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe oferece,
Como se longa fora já a amizade,
Com ele come e bebe, e lhe obedece;
Ambos se tornam logo da cidade,
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem à Capitania, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.**



29

Canto VII

**O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a língua de Castela,
Junto de si o assenta, e pronto e quedo
Pela terra pergunta, e cousas dela;
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredor,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.**



30

Canto VII

**Ele começa, ó gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho;
Não é sem causa não oculta, e escura
Vir do longínquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.**



31

Canto VII

**Deus por certo vos traz, porque pretende
Algun serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos inimigos do mar, do vento irado;
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.**



32

Canto VII

**Esta província, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos Reis é, mas dum só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido e inteiro.**



33

Canto VII

**Porém como a esta terra então viessem,
De lá do seio Árábico outras gentes,
Que o culto Mahomético trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que pregando convertessem
O Perimal, de sábios e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que pressupôs de nela morrer santo.**



34

Canto VII

**Naus arma, e nelas mete curioso
Mercadoria que ofereça rica,
Para ir nelas a ser religioso,
Onde o profeta jaz, que a lei publica;
Antes que parta, o Reino poderoso
Com os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro próprio, faz os mais aceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.**



35

Canto VII

**A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor
E os mais, a quem o mais serve e contenta
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, se lhe apresenta,
Para este Calecu somente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.**



36

Canto VII

**Esta lhe dá com o título excelente
De Imperador, que sobre os outros mande,
Isto feito se parte diligente
Para onde em santa vida acabe, e ande,
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno, e grande
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este, que agora o Império manda e tem.**



37

Canto VII

**A lei da gente toda rica e pobre,
De fábulas composta se imagina;
Andam nus, e somente um pano cobre
As partes, que a cobrir natura ensina.
Dois modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos digna
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.**



38

Canto VII

**Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercício,
Senão o de seus passados até morte,
Para os Naires é certo grande vício
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com cerimónias mil se alimpa e apura.**



39

Canto VII

**Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária,
Mais estranhezas ainda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária,
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.**



40

Canto VII

**Brâmenes são os seus religiosos,
Nome antigo, e de grande proeminência,
Observam os preceitos tão famosos
Dum, que primeiro pôs nome à ciência;
Não matam coisa viva, e temerosos
Das carnes têm grandíssima abstinência,
Somente no venéreo ajuntamento
Têm mais licença, e menos regimento.**



41

Canto VII

**Gerais são as mulheres; mas somente
Para os da geração de seus maridos;
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos.
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos,
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.**



42

Canto VII

**Assim contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade,
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais que o Rei buscar mandara
O Capitão da armada que chegara.**



43

Canto VII

**Mas ele, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses sem detença
Parte de ricos panos adornado;
Das cores a formosa diferença
A vista alegre ao povo alvoroçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.**



44

Canto VII

**Na praia um regedor do Reino estava,
Que, na sua língua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama;
Já na terra nos braços o levava,
E num portátil leito uma rica cama
Lhe oferece em que vá, costume usado,
Que nos ombros dos homens é levado.**



45

Canto VII

**Desta arte o Malabar, destarte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera;
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue esquadra fera;
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar; mas no tempo já passado
Na Torre de Babel lhe foi vedado.**



46

Canto VII

**O Gama, e o Catual iam falando
Nas coisas que lhe o tempo oferecia,
Monçaide entre eles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia;
Assim pela cidade caminhando,
Onde uma rica fábrica se erguia
De um sumptuoso templo já chegavam
Pelas portas do qual juntos entravam.**



47

Canto VII

**Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em pau, e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas,
A segundo o Demónio lhe fingia;
Vêem-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia,
Os cristãos olhos a ver Deus usados
Em forma humana estão maravilhados.**



48

Canto VII

**Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava,
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos
A Briareu parece que imitava;
Outro fronte Canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora.**



49

Canto VII

**Aqui feita do bárbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão;
Engrossando-se vai da gente o fio,
Com os que vêm ver o estranho Capitão,
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas.**



50

Canto VII

**Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoríferos formosos,
Que em si escondem os régios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificam-se os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleitosos,
Assim vivem os Reis daquela gente,
No campo e na cidade juntamente.**



51

Canto VII

**Pelos portais da cerca a subtileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da Índia a mais remota antiguidade;
Afiguradas vão com tal viveza
As histórias daquela antiga idade,
Que quem delas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.**



52

Canto VII

**Estava um grande exército que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava,
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes Tirsos pelejava,
Por ele edificada estiva Nisa
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tão próprio, que se ali estiver Semele,
Dirá por certo, que é seu filho aquele.**



53

Canto VII

**Mais avante bebendo seca o rio,
Mui grande multidão da Assíria gente,
 Sujeita a feminino senhorio,
De uma tão bela, como incontinente;
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competência,
Amor nefando, bruta incontinência.**



54

Canto VII

**Daqui mais apartadas tremulavam
As bandeiras de Grécia gloriosas,
Terceira Monarquia, e subjugavam,
Até as águas Gangéticas undosas;
Dum capitão mancebo se guiavam
De palmas rodeado valorosas,
Que já, não de Filipe, mas sem falta
De progénie de Júpiter se exalta.**



55

Canto VII

**Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virá que outras vitórias,
Estas que agora olhais abaterão;
Aqui se escreverão novas histórias,
Por gentes estrangeiras que virão
Que os nossos sábios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.**



56

Canto VII

**E diz-lhe mais a mágica ciência,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistência,
Que contra o Céu não vale da gente manha;
Mas também diz que a bélica excelência
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido.**



57

Canto VII

**Assim falando entravam já na sala,
Onde aquele potente Imperador
Numa camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor;
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor,
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.**



58

Canto VII

**Bem junto dele, um velho reverente,
Com os gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente
Que a seu costume estava ruminando;
Um Brâmene, pessoa proeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.**



59

Canto VII

**Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no trajo e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista;
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo
O Capitão lhe fala deste modo.**



60

Canto VII

**Um grande Rei, de lá das partes, onde
O céu volúvel com perpétua roda
Da terra a luz solar com a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde,
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está, e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade.**



61

Canto VII

**E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Gelanda
Até bem donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
Tudo tem no seu Reino em grande cópia.**



62

Canto VII

**E se queres com pactos, e alianças
De paz, e de amizade sacra, e nua,
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, e tua,
Por que cresçam as rendas, e abastanças,
Por quem a gente mais trabalha e sua,
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, o dele glória ingente.**



63

Canto VII

**E sendo assim, que o nó desta amizade,
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reino se ofereça;
Com gente, armas, e naus de qualidade
Que por irmão te tenha, e te conheça,
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mim certíssima resposta.**



64

Canto VII

**Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera.**



65

Canto VII

**E que entanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve;
Já nisto punha a noite o usado atalho
As humanas canseiras, porque ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ócio dados.**



66

Canto VII

**Agasalhados foram juntamente
O Gama, e Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Índica gente
Com festas e geral contentamento;
O Catual no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha
Que costumes, que lei, que terra tinha.**



67

Canto VII

**Tanto que os ígneos carros do formoso
Mancebo Délio viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova;
Já lhe pergunta pronto e curioso,
Se tem notícia inteira, e certa prova,
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua pátria mui vizinha.**



68

Canto VII

**Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, por que soubesse
O que neste negócio se faria;
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais não saberia,
Somente sei que é gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.**



69

Canto VII

**Têm a lei dum Profeta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãe, tal que por bafo está aprovado
Do Deus, que tem do Mundo o regimento;
O que entre meus antigos é vulgado
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.**



70

Canto VII

**Porque eles com virtude sobre-humana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresco Guadiana,
Com feitos memoráveis, e famosos;
E não contentes ainda, na Africana
Parte, cortando os mares procelosos
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.**



71

Canto VII

**Não menos têm mostrado esforço e manha,
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belígeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do Pirene desçam.
Assim que nunca enfim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam,
Nem se sabe ainda não, te afirmo e asselo,
Para estes Anibais nenhum Marcelo.**



72

Canto VII

**E se esta informação não for inteira
Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende;
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgarás de veres a polícia
Portuguesa na paz e na milícia.**



73

Canto VII

**Já com desejos o Idolatra ardia,
De ver isto, que o Mouro lhe contava,
Manda equipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava;
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava,
À Capitania sobem forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.**



74

Canto VII

**Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera;
Batalhas têm campais aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que tanto que ao gentio se apresenta,
A tento nela os olhos apascenta.**



75

Canto VII

**Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquele deleite que tanto ama
A seita Epicureia, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrara à gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.**



76

Canto VII

**A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Com o fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares;
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve.**



77

Canto VII

**Alça-se em pé, com ele o Gama junto,
Coelho de outra parte, e o Mauritano
Os olhos põe no bélico trasunto
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defunto
Enquanto houver no mundo trato humano,
No traje a Grega usança está perfeita,
Um ramo por insígnia na direita.**



78

Canto VII

**Um ramo na mão tinha; mas ó cego,
Eu que cometo insano, e temerário,
Sem vós Ninfas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário;
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrário,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.**



79

Canto VII

**Olhai que há tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavórcios inumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Numa mão sempre a espada, e noutra a pena.**



80

Canto VII

**Agora com pobreza aborrecida,
Por hospícios alheios degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora às costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei judaico acrescentar-se.**



81

Canto VII

**E ainda Ninfas minhas não bastava,
Que tamanhas misérias me cercassem;
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prémio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.**



82

Canto VII

**Vede Ninfas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valorosos,
Que assim sabem prezar com tais favores
A quem os faz cantando gloriosos;
Que exemplos a futuros escritores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as coisas em memória,
Que merecerem ter eterna glória.**



83

Canto VII

**Pois logo em tantos males é forçado,
Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça;
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não o empregue em quem o não mereça
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.**



84

Canto VII

**Nem creiais Ninfas não que a fama desse
A quem ao bem comum, e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse;
Inimigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios.**



85

Canto VII

**Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio,
Nem Camenas também cuideis que cante
Quem com hábito honesto e grave veio,
Por contentar ao Rei no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo.**



86

Canto VII

**Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Para taxar com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.**



87

Canto VII

**Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida;
Apolo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,
Enquanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.**